

TRADUÇÃO: ENTRE O LITERAL E O AUTORAL

Aluna: Alexandra Wiltshire
Orientadora: Maria Paula Frota

Se entre o público parece ainda predominar a expectativa (irrefletida) de literalidade nas traduções, ou seja, de que estas podem e devem reproduzir de forma absolutamente fiel os respectivos originais, entre os estudiosos da área, parece ponto pacífico a idéia de que a tradução difere do original, seja na esfera mais propriamente lingüístico-cultural ou na ideológica.

Essa diferença, inevitável, se apresenta ainda mais radical quando pensada não apenas entre tradução e original, mas no campo de cada um deles. Em outras palavras: não só os textos não são transportáveis de uma língua e cultura para outra língua e cultura, como também, e o que é mais significativo, nenhum texto é acessível de uma só maneira em uma mesma (?) língua e cultura. Como se diz há décadas, é só na provisoriade de uma leitura que um texto ganha um efeito de estabilidade.

A percepção de tamanho deslizamento nos objetos (e sujeitos) de um modo geral revolucionou, como se sabe, todas as áreas do conhecimento, e o próprio entendimento deste. Nos estudos da tradução esse impacto se dá com muita força, e dois desdobramentos disso podem ser percebidos no campo teórico-conceitual.

Primeiro: se impossível a fidelidade ou equivalência a um texto-fonte, a tradução passa a ser predominantemente concebida como produção de um novo texto, de novos significados; muito mais como uma escrita autoral do que como uma escrita derivada ou reescrita. Segundo: a identificação da atividade tradutória passa a ser extremamente problemática; a própria formulação de uma pergunta como “O que é traduzir?” não escapa à pecha, no mínimo, de ingênua.

Quanto ao primeiro, já se teve a oportunidade de desconstruí-lo, procurando mostrar como a assimilação da escrita tradutória à escrita autoral acaba por manter-se presa a uma lógica dicotômica — cópia/original, literalidade/autoria — que se deve tentar evitar. É a partir dessa constatação somada ao segundo desdobramento indicado acima, que se formulou o objetivo central do presente estudo, como se verá a seguir.

O objetivo central proposto para a pesquisa, seguindo o fluxo de raciocínio que se apresentou, consiste em investigar a seguinte questão: diante da convicção de que não seria correto compreender a tradução nem como uma reescrita absolutamente fiel ao texto de partida nem como uma escrita autoral, e diante do deslizamento conceitual que reina nestes tempos pós-modernos, como definir “tradução”? Que atividade é essa que procuramos ensinar e aprender? Como podemos escapar dos binarismos reducionistas sem cair numa atitude cética que impede qualquer tentativa de identificação? Como não ser nem essencialista nem cético? Não estará havendo, entre os estudiosos, um forte movimento no sentido de uma flexibilização acentuada do conceito de tradução? Afinal, ela seria o mesmo que adaptação, paródia, pastiche, até mesmo os textos autorais? Não será um retrocesso abrir mão de um sofisticado leque conceitual em nome de um anti-essencialismo que acaba por sucumbir juntamente com o objeto de sua crítica? Perguntas como essas, que expressam variados aspectos de nossa questão-objetivo central, nortearam os estudos realizados, de acordo com a metodologia abaixo exposta.

A primeira etapa consistiu na leitura e discussão de textos sobre a linguagem de um modo geral (sobretudo Martins 2004), com vistas a serem bem compreendidas as premissas da investigação.

Num segundo momento foram lidos e discutidos textos que trouxessem à aluna uma maior familiaridade com o campo dos estudos da tradução (Arrojo 1986, Bassnett 1991 e Munday 2001) e com a proposta específica do estudo (p. ex. Frota e Martins 2007 e Rolim 2006).

A seguir, diante da necessidade percebida de se esclarecer o mais possível o escopo do termo “tradução” que interessa à pesquisa, partiu-se para defini-lo procurando excluir determinados sentidos ou práticas como as chamadas traduções intralinguais e intersemióticas, a interpretação simultânea e a consecutiva, dentre outras. Alguns textos foram aqui fundamentais como o clássico “Aspectos lingüísticos da tradução”, de Jakobson.

Estabelecidas essas fronteiras por assim dizer internas à tradução como uma atividade interlingual escrita, começou-se uma busca (mesmo com toda a resistência oferecida pelo campo da linguagem) de limites que, externos à tradução, possam resguardá-la como uma atividade específica dentro de uma gama de formas de reescrita. Para tanto, nos baseamos em perspectivas e definições dadas por diferentes estudiosos e apresentadas em uma obra de referência da área, o *Dictionary of Translation Studies* (também Godard 1990, e Bassnett e Lefevere 1998).

Uma das principais conclusões a que chegamos é a de que o estudo foi extremamente relevante para a formação da pesquisadora iniciante. Ela teve a oportunidade de conhecer ou de aprofundar conceitos e reflexões centrais nas áreas dos estudos da linguagem e dos estudos da tradução; de desenvolver sua competência na leitura, reflexão e fichamento de textos acadêmicos; de ter um primeiro contato com esse gênero de escrita. Por tudo isso, a bibliografia teve uma função central.

Além disso, confirmamos a pertinência das questões que nortearam a pesquisa e avançamos nas respostas a elas, assim contribuindo para o desenvolvimento do projeto de pesquisa mais amplo no qual o presente estudo se insere.

Referências bibliográficas

- [1] ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986
- [2] BASSNETT, S. *Translation Studies*, 1991.
- [3] BASSNETT, S. e LEFEVERE, A. *Constructing cultures*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.
- [4] FROTA, M. P. “Traduzir é mesmo manipular?”, trabalho apresentado no IX Encontro Nacional de Tradutores, agosto/setembro de 2004, no prelo.
- [5] FROTA, M. P. & MARTINS, H. “Sobre o que chamamos de tradução”. 2007, no prelo.
- [6] GODARD, B. "Theorizing feminist discourse/translation". Em: S. BASSNETT & A. LEFEVERE (orgs). *Translation, history and culture*. London: Pinter, 1990.
- [7] JAKOBSON, R. “Aspectos lingüísticos da tradução” & “Lingüística e Poética”. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, [1975] 2005.
- [8] MARTINS, H. “Três caminhos na filosofia da linguagem”. Em F. Mussalim e A. C. Bentes (orgs.) *Introdução à lingüística 3: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- [9] MUNDAY, J. “Main issues of translation studies”. *Introducing translation studies: theories and applications*. London/New York: Routledge, 2001.
- [10] ROLIM, Lia M. B. J. “Práticas de tradução no Ocidente: uma retrospectiva histórica”. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2006.
- [11] SHUTTLEWORTH, M. & COWIE, M. *Dictionary of translation studies*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1997.